

Ordenação, as Ordenanças e Imposição de Mãos

Djalma A. da Cunha e Silva

INTRODUÇÃO

Mão e Mãos

“Então disse Deus: Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal; assim, para que não estenda a MÃO e tome também da árvore da vida e coma e viva eternamente...” É a primeira vez que a Bíblia menciona a palavra MÃO. A segunda, é ainda o Senhor, falando, quem diz: “És agora, pois, maldito por sôbre a terra, cuja bôca se abriu para receber de tuas MÃOS o sangue de teu irmão”. A terceira, é como segue: “Mas a pomba não achando onde pousar o pé, tornou a êle para a arca, porque as águas cobriam ainda a terra. Noé, estendendo a MÃO, tomou-a e a acolheu consigo na arca. “O quarto passo, é: “Pavor e medo de vós virão sôbre os animais da terra, sôbre tôdas as aves dos céus, tudo o que se move sôbre a terra e todos os peixe do mar nas vossas MÃOS serão entregues”.

Mãos e Símbolos

O emprêgo das mãos simbólica e ritualmente vem de priscas eras

entre os hebreus, uso que, como um legado, tornou-se herança do N.T.

Os quatro primeiros passos onde ocorre o emprêgo da mão, nos primeiros nove versos do Gênesis, são ao mesmo tempo, quatro diferentes símbolos.

A mão desempenha relevante papel no simbolismo empregado nas Sagradas Escrituras. *No primeiro exemplo citado, poder Adão estender a mão simboliza habilidade; no segundo, “receber de tuas mãos o sangue de teu irmão”, é símbolo de responsabilidade; no terceiro, “Noé estendendo a mão, tomou-a e a acolheu consigo na arca”, é símbolo de ação e no quarto passo: “... tudo ... nas vossas mãos serão entregues”, simboliza contrôle. É evidente.*

A sinédoque é figura constantemente aplicada no emprêgo das mãos pelas Escrituras. No caso de Caim, por exemplo, as mãos de que a terra tomava o sangue do fratricídio, é claro o tropo, pois não pode ser apenas aquela pequena parte do corpo que leva a culpa. Aliás, em justa e simples interpretação, a mão de Caim não tem qualquer culpa moral, que é

a suma culpa. Caim — o homem todo, seus poderes morais de intellectualidade, volição e afetividade, servidos pela consciência, em suma, Caim mesmo, o homem moral, é o responsável. “As leis morais — diz Fleming, são derivadas da natureza e da vontade de Deus e o caráter e a condição do homem.” E Strong — donde tiramos a citação, continua: “A natureza de Deus está refletida nas leis de nossa natureza. Desde que a lei é lavrada na natureza do homem, o homem é uma lei para si mesmo. Conformar-se com sua própria natureza, em que a consciência é suprema, é conformar-se com a natureza de Deus. A lei é apenas a revelação dos princípios constitutivos do sêr, a declaração do que deve ser, tanto quanto o homem é homem e Deus é Deus. Com efeito: — continua Strong — se semelhante a Deus, aliás não podes ser verdadeiro homem.” (1) É por isto que o responsável é o próprio Caim. Suas mãos aparecem apenas como uma figura de linguagem, e assim devemos entender os outros casos. As mãos em si não têm mérito ou demérito moral, são meros instrumentos do simbolismo que representam.

À luz dêste multivário simbolismo, temos de entender a significação desta esquisita cerimônia: “Põe a tua mão debaixo da minha coxa, para que te faça jurar pelo Senhor Deus do céu e da terra, que não tomas espôsa para meu filho das filhas dos cananeus, en-

tre os quais habito”. (2) É evidente que a mão do servo sob a coxa do Patriarca, não revestia outro valor senão que objetivava fisicamente um compromisso moral que devia ser realizado com a fidelidade de uma pessoa responsável. O cumprimento do juramento ou o perjúrio, era uma questão moral e quiçá religiosa, que em nada afetaria a mão propriamente dita do servo de Abraão. É curiosa esta forma de juramento, que se repete apenas em 47:29. Segundo Teodoro, equivalia juramento pela circuncisão, sinal da aliança com Deus. (3)

Mãos e Propósitos

A Bíblia se utiliza de grande número de nomes de órgãos do corpo humano em sentido figurado: *olhos, ouvidos, coração, rins*, e de membros como *pernas, pés*, etc. Nenhum dêesses, contudo, é tomado em tão grande número como símbolo e em sentido tão variado, como a mão.

Verbi gratia:

Beijar a mão e fazer gesto de atirar o beijo a um astro — sol, lua, estrêla — expressava adoração, tal como ainda fazem hoje os católicos. (4) Thomaz Mann, figura José interrogando ao pai: “Devemos nós atirar beijos

2) Gn. 24:2-3.

3) Nacar-Colunda. A Bíblia Sagrada. *In loco*.

4) Jô, 31:26-27.

1) Strong. Theol. Syst. Vol. II. Pg. 539.

aos astros e celebrar-lhe as histórias?" (5)

Levantar a mão é jurar pedindo auxílio a Deus. (6)

É também abençoar. (7)

É gesto de coração sincero. (8)

A mão de Deus estendida,, é Seu eterno proposito e poder executivo. (9)

A mão aberta é bondade providencial. (10)

Mão ritual

A primeira vez que a mão é empregada ritualmente é em sentido vicário individual e não o é pelo sacerdote. (11)

Em sentido vicário coletivo. (12)

Na consagração da Arão como sumo sacerdote — é bom notar — êle impôs a mão sôbre o novilho e os carneiros, mas Arão mesmo não recebeu imposição das mãos, e sim unção com óleo sôbre a cabeça e sangue em diferentes partes do corpo e da roupa. (13)

Na consagração dos levitas como tribo sacerdotal, a imposição das mãos, foi um ato popular, em linguagem moderna, um ato democrático: "Os filhos de Israel porão as mãos sôbre êles". (14)

I. ORDENAÇÃO

..Caldas Aulete, entre outros sentidos que dá de ordenação, diz: "Ação de ordenar ou conferir ordens eclesiásticas. "Êste, na definição do mestre, é o sentido que mais se aproxima de nosso assunto, sem contudo, atingí-lo em cheio. Com efeito, ordenação eclesiástica significando poder ou autorização procedente de um grupo de homens para qualificação de alguém para o serviço divino, aos Batistas não tem maior sentido, do que a mão de Eliézer posta debaixo da coxa de Abraão.

Que é ordenação eclesiástica? É a imposição das mãos de um presbitério (conjunto de pastôres, com exceção de diáconos, por isto que se trata de presbitério), sôbre alguém para torná-lo ministro de Deus? A Bíblia nega base para tanto. "*Vade post me*".

A "The International Standard Bible Encyclopaedia", referindo-se ao verbete "*Ordain*", diz que a "Versão Autorizada" (Authorized Version, 1611), emprega "ordenar" para traduzir 11 palavras hebraicas, 21 gregas e 3 latinas. "Isto — acrescenta — é devido ao fato de que a palavra (*ordain*) tem vários matizes de significação (especialmente usados no tempo em que foi feita a "A. V.,").

Depois de dar em cinco secções diferentes os vários sentido de

5) "O Jovem José". Ed. Liv. do Globo. Rio de Janeiro. Pg. 82. Não confundir o escritor germano com o texano seu homônimo, ex-assistente do Sec. de Estado para a América Latina.

6) Gn. 14:22-24.

7) Lv. 9:22; Mc. 10:13,16.

8) II Rs. 10:15.

9) At. 4: 28,31.

10) Sl. 104. 28

11) Lv. 1:4.

12) Lv. 16:21.

13) Lv. 8:12,22-23.

14) Nú. 8:10.

“ordain”, como segue: “Por em ordem”, “Estabelecer”, “Decretar”, “Nomear”, “Destinar cerimonialmente para o serviço ministerial ou sacerdotal”, “Conferir ordens sacras”, conclue: “Este último sentido técnico ou eclesiástico nunca é encontrado na versões inglesas. “De todos, continua êle, o mais aproximado é *separar* para uma função ou um dever, mas a idéia de separar formalmente ou cerimonialmente para uma função (preeminente em seu uso moderno), nunca está implicado na palavra.”

Se entendemos por ordenação a determinação divina de escolher alguém e conferir-lhe um carisma para o desempenho de um ou vários misteres no serviço de Reino, podemos classificar na história dos Evangelhos e dos Atos, três passos distintos dessa determinação divina:

1.º: Qualificação dos apóstolos.

2.º: Qualificação de Saulo de Tarso.

3.º: Qualificação para o serviço especial de evangelista.

No primeiro caso a escolha e qualificação vêm de Jesus mesmo, nos dias de Sua carne: “Não fostes vós que me escolhestes; pelo contrário, eu vos escolhi e vos designei para que vades, e deis frutos...” (15)

No segundo, foi ainda Jesus, depois de assunto ao céu: “...vai porque êste é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis...” (16)

No terceiro é o Espírito Santo Quem opera pessoalmente. O anjo do Senhor disse apenas: “Filipe... vai para a banda do sul... e êle foi”, mas foi o Espírito Quem disse a Filipe: “Aproximate dêsse carro e acompanha-o”. E o mesmo Espírito levou Filipe para Azoto, donde finalmente partiu evangelizando até Cesaréia. (17)

II. IMPOSIÇÃO DE MÃOS

Tomamos a liberdade de examinar aqui o terceiro elemento do assunto que nos foi pedido, por nos parecer mais cronológico e isento de qualquer prejuizo causado pela inversão da ordem.

No apostolado de Paulo, Ananias não lhe comunicou qualquer dom carismático pela imposição das mãos. Deu-lhe um recado de Jesus e impondo-lhe as mãos, Deus fêz cair dos olhos de Saulo “como que umas escamas e tornou a ver”. Paulo mesmo recusa ser um apóstolo ordenado” da parte dos homens”, no caso os apóstolos em Jerusalém ou a Igreja em Antioquia da Síria, ou ainda “por intermédio de homem algum”, que seria então Ananias de Damasco. (18) Aliás, assevera Paulo, que é apóstolo “por Jesus Cristo e por Deus, tal como afirma sua separação pré-natal para seu ministério, por Deus. (19) Assim, Paulo nega qualquer interferência na re-

15) Jo. 15:16.

16) At. 9:15.

17) At. 8:26-40.

18) Gl. 1:1.

19) Gl. 1:15.

cepção de seus dons pela formal imposição das mãos humanas.

O caso *sui generis* no Evangelho de João: o caso formal na transmissão do Espírito Santo. Jesus “soprou sobre eles, e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo”. (20) É um ato sem precedentes e jamais foi repetido. Além disto, o dom não foi individual, mas conferido a todo o colégio apóstolico, à semelhança, neste particular, do sucesso pentecostal. Até aqui, nada de imposição de mãos.

Na era apostólica não se encontra uma vírgula, se quer, de ensino ou de prática de um rito externo, formal, efetuado por um presbitério ou qualquer colégio presbiterial para conferir graça interna com qualificação para o serviço do ministério evangélico. Registram-se, todavia, passos definidos a indicarem um *reconhecimento* formal pela imposição das mãos sobre aqueles que já haviam dado provas de sua qualificação espiritual.

a. *Os sete, que são hoje, geralmente, chamados diáconos.* Os apóstolos sugeriram: “Escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria...” “A Igreja reconheceu em Estevão, “homem cheio de fé e do Espírito Santo”, em Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Parmenas e Nicolau, prosélito de Antioquia, as qualidades indicadas pelos apóstolos. Nada havia, portanto, a acrescentar-lhes. Satisfeita, assim, a solicitude apos-

tólica, elegeu a Igreja aqueles sete ilustres varões, apresentando-os em seguida aos apóstolos — órgãos da revelação divina — para deles saberem como proceder daí em diante. Os apóstolos impuseram as mãos sobre os escolhidos, como simples reconhecimento formal de suas qualificações espirituais, pelo testemunho antecipado da Igreja, sem haver nisto qualquer vislumbre ao menos, de pretensão de transferência de qualquer carisma. (21)

b. *Os primeiros missionários reconhecidos formalmente.* A vocação de Barnabé e de Saulo, veio do Espírito Santo, que disse: “Separa-me agora a Barnabé e a Saulo para a obra que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, impondo sobre eles as mãos, os despediram. Quem eram aqueles ÊLES que estavam servindo ao Senhor e jejuando? A Igreja e os cinco profetas e mestres ou só êstes? A resposta a esta inquirição divide os sábios das Escrituras. O tempo e o espaço não nos permite delongas em citações, além de que, não somos afetados aqui pela questão de *quem*: uns, outros, ou todos. O que nos importa é a imposição das mãos, e isto aqui também, foi simples formalidade em piedosa e pronta obediência ao Espírito Santo, tenha sido pela Igreja só ou por ela e seus ministros, ou ainda somente por êstes.

c. Paulo ordena a Tito, constituir presbiteros em cada cidade sem qualquer referência às mãos.

20) Jo. 20:22.

21) At. 6:1-6.

d. Nas duas Epístolas a Timóteo, Paulo fez referência ao emprego das mãos:

1.º "...o dom que ti foi concedido mediante profecia, com imposição das mãos do presbitério". (22)

2.º "... o dom de Deus, que há em ti pela imposição de minhas mãos". (23)

3.º "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice do pecado de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro". (24)

Nos primeiro e segundo casos, parece que "o dom de Deus" foi reconhecido formalmente duas vezes: por um presbitério e por Paulo, separadamente — caso igualmente *sui generis*, mas não de todo inusitado no N.T., visto como o mesmo Paulo recebeu duas vezes imposição das mãos.

De I Tm. 4:14, diz o "The Expositor's Greek Testament": "O carisma era dado por Deus; neste caso particular, a formal e solene apropriação de seu uso foi acompanhada pela indicação de profecia dirigida ao ouvido e pela imposição das mãos dirigida aos olhos." (25) "Acompanhado" e não *acompanhando*. Primeiro a comunicação do dom de Deus, depois a imposição das mãos. Paulo adverte a Timóteo a "combater o bom combate", firmado nas profecias de que antecipadamente

"fôste objeto". (26) O Apóstolo exorta ainda o seu "filho" a cumprir cabalmente seu ministério, que era "o trabalho de evangelista", que certamente era o carisma recebido. (27) Este não vem por imposição de mãos, pois é dito expressamente que é "dado por Deus". (28)

Casos como a descida do Espírito Santo após a imposição das mãos referem-se a assunto que não está compreendido neste trabalho, e Hebreus 6:2, a referência é a qualquer ocasião em que se impõe as mãos e não expressamente que é "dado por Deus". (28)

Casos como a descida do Espírito Santo após a imposição das mãos referem-se a assunto que não está compreendido neste trabalho, e Hebreus 6:2, a referência é a qualquer ocasião em que se impõe as mãos e não expressamente à ordenação.

No terceiro caso: "A ninguém imponhas precipitadamente as mãos" não se refere à ordenação, mas provavelmente, à restauração de um pecador arrependido. (29)

Cabe aqui, ainda que de passagem, simples lembrete, que é de esperarmos que os batistas jamais empreguem o vocábulo *ordenação* na consagração de ministros. Ordenação como um rito religioso por imposição de mãos não aparece no N.T. Seu uso neste sentido, aliás procede do latim post-Agos-

22) I Tm. 4:14.

23) II Tim 1:6

24) I Tim 5:22

25) Vol. IV. Pg. 126.

26) I Tm. 1:18.

27) II Tim 4:5

28) Ef. 4:11.

29) The International Standard Bible Encyclopaedia

tinho, de *ordinare* e portanto desconhecido dos escritores canônicos. (30)

III. ORDENANÇAS

Batismo e Ceia do Senhor, são as únicas ordenanças dadas à Igreja por Jesus, e a Igreja é a guardiã delas e por elas a única responsável. Foi Ele quem disse: "Ide... batizai", havendo ordenado anteriormente, ainda em Sua encarnação, na instituição da Ceia, dizendo: "Fazei isto em memória de mim". Quanto à imposição das mãos sobre a cabeça do batizando, é um rito apenas de reconhecimento público de que a pessoa em apreço *já foi batizada no Espírito Santo* e já faz, por isto mesmo, parte do Corpo de Cristo. (31). Contudo, tal reconhecimento público, não significa *ipso facto*, estar o batizando em água realmente batizado no Espírito Santo, e portanto, salvo. Tais são os casos de Judas, de Ananias e Sáfira, em Jerusalém e provavelmente, de Simão de Samaria. Quem poderia afirmar que fulano ou cicrano estejam realmente salvos? Só a própria pessoa e Deus o sabem. Certamente o candidato ao batismo se torna aceitável à profissão de fé perante a Igreja, pela vida transformada que vive agora. Professora a fé perante a Igreja e esta ordena seu batismo que o ministro realiza. Uma igreja pode autorizar — e só ela o pode — a qualquer de seus

membros realizar batismo ou administrar a Ceia do Senhor. Para isto não é mister que o celebrante seja consagrado pelas mãos de um presbitério. Temos no N.T. (ignoramos se Ananias que batizou a Paulo era ministro consagrado por um prebistério) e na história dos Batistas aqui e alhures, exemplos que justificam nosso assérto. Contudo, não há conveniência que uma igreja use de seus direitos e sem motivo extremo, realize tais cerimônias pelas mãos de qualquer um de seus membros. A "Ordem e Decência" de autoridade paulina, parece convirem aqui.

Quanto à sacramentalidade atribuída por católicos e protestantes seus herdeiros nisto, às ordenanças não há fundamento novotestamentário, e igualmente escapa, particularmente, de nosso propósito. O erguer das mãos pelo ministro na chamada "Benção Apostólica", é mero símbolo de súplica a Deus, e ao baixá-las, expressa a esperança de haver obtido a bênção pedida.

Conclusões

Do que fica dito, verificamos:

1. É Deus quem primeiro se refere à mão nas Escrituras.
2. De todos os órgãos ou membros do corpo humano utilizados pela Bíblia simbolicamente, a mão tem a primasia.
3. O uso da mão simbolicamente, vem já dos patriarcas.
4. No primeiro holocausto em Israel consagrado a Deus, a mão teve prioridade no ritual e não foi imposta por ministro consagrado.

30) Idem

31) I Co. 12:12-13.

5. A tribo de Levi foi consagrada a Deus, como tribo sacerdotal, pela imposição das mãos de todo o Israel. Verdadeiro ato popular, democrático.

6. Na consagração de Arão — o primeiro sumo-sacerdote — o óleo da unção substituiu o emprêgo das mãos.

7. O emprêgo das mãos na bênção era uso vulgarizado em Israel e Jesus não faz exceção.

8. Os apóstolos não foram consagrados pelo uso das mãos.

9. Jesus soprou o Espírito Santo sobre os apóstolos, coletivamente, e não individualmente.

10. O primeiro ato simbólico eclesiástico no uso das mãos pelos apóstolos, foi na escolha dos sete para “o serviço das mesas”.

11. Paulo e Timóteo, cada um por seu turno, receberam dupla imposição das mãos.

12. Não há no N. T. o menor vislumbre de comunicação de dons carismáticos pela imposição das mãos.

13. A imposição das mãos é um símbolo de reconhecimento público de um dom já existente conferido por Deus e jamais uma ordenação em qualquer sentido. Se houvesse alguém neste mundo que

pudesse ordenar outrem para o serviço de Deus, seria a Igreja e jamais um presbitério ou um colégio presbiterial.

14. Na impetração da chamada bênção apostólica, a elevação das mãos expressa simbolicamente o desejo de que a oração suba a Deus e de lá se confirme a bênção almejada.

Reafirmamos aqui nossa esperança de que os batistas jamais caricaturarão o lindo vocabulário bíblico com a introdução de termos sem termo autorizado pelas Escrituras Sagradas, termos que, geralmente, como uma espuma, começaram a flutuar apenas nos albores, ou melhor, no início das trevas que obscureceram o mundo nos 15 séculos da era medieval. Dizemos, por outro lado, que é com grande pesar que vemos e ouvimos palavras bíblicas de sentido definido e inalterável, substituídas por outras que não são outras, mas simples corrupção vocabular do Livro de Deus. Outras, ainda, com sentido alterado pelo uso errôneo, são empregadas de modo solerte e inusitado. Tais cousas são como a morte que estava na panela de verduras do rancho de profetas de Elizeu.